



GUARARAPES

O DESPERTAR DE UMA NAÇÃO

FHE **POUPEX**



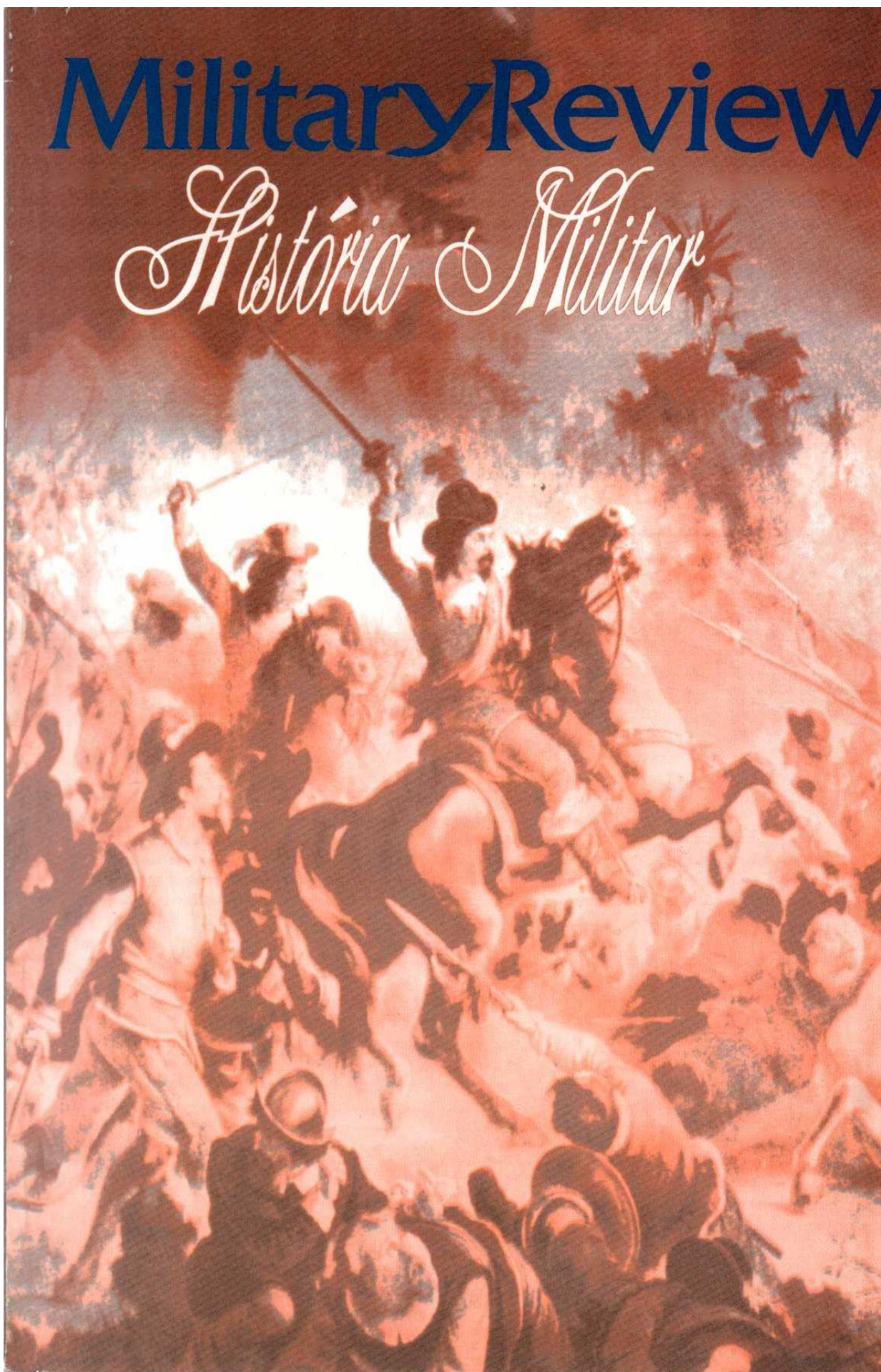
Coronel Eng Claudio Moreira Bento

Historiador Militar e Jornalista e ex- comandante do 4º Batalhão de Engenharia de Combate em Itajuba-MG 1981-1982 e um dos historiadores da Arma de Engenharia. Presidente e Fundador da Federação de Academias de História Militar Terrestre do Brasil (FAHIMTB), do Instituto de História e Tradições do Rio Grande do Sul (IHTRGS) e da Academia Canguçuense de História (ACANDHIS) e sócio benemerito do Instituto de História e Geografia Militar do Brasil (IGHMB) e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e integrou a Comissão de História do Exército do Estado-Maior do Exército. 1971-1974. Foi instrutor de História Militar na AMAN 1978-1980. Dirigiu o Arquivo Histórico do Exército 1985-1980. Resgatou a História de seu berço natal Canguçu, em especial em vários livros e artigos e em seu livro Canguçu reencontro com a História um exemplo de reconstituição de memória comunitária. Resende: AHIMTB/ACANDHIS, 2007, cujas capas são de autoria de seu filho Capitão de Mar- e-Guerra Carlos Norberto Stumpf Bento... O autor é membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro.

Artigo digitalizado da Revista Military Review do Exército dos Estados Unidos, 2º Quadrimestre de 1998, para disponibilizá-lo em Livros e Plaquetas no site da FAHIMTB www.ahimtb.org.br e cópia impressa no acervo da FAHIMTB e doado em Boletim a AMAN e em levantamento para inclusão no Programa Pergamium de bibliotecas do Exército.

Military Review

História Militar



Guararapes, o Despertar de uma Nação



Coronel Cláudio Moreira Bento, Exército Brasileiro

“O endereço do Brasil como uma nação só, em vez de duas ou três, escreveu-se a sangue em Guararapes. Com o sangue das três raças que já a caminho de também uma só: metaraca. Uma além raça. Gilberto Freire” - discurso proferido quando da criação do Parque Histórico Nacional dos Guararapes.

Passaram-se 30 anos, após o descobrimento do Brasil para que as primeiras povoações viessem a florescer em torno das fortificações militares erigidas com o intuito de defender e manter a terra descoberta.

As nações excluídas do Tratado de Tordesilhas tiveram a cobiça estimulada pelas riquezas da nova terra. Sucederam-se as tentativas estrangeiras de conquistar parcela daquele imenso território selvagem, repelidas, uma a uma, pelos colonizadores portugueses, ajudados pelos nativos, unindo as armas militares aos instrumentos de guerra indígenas. De todas as tentativas levadas a efeito, a mais desafiante foi representada pelas invasões holandesas no nordeste do Brasil, iniciadas em 1624, na Bahia.

Quando os holandeses aqui desembarcaram, na primeira metade do século XVII, depararam-se com a resistência espontânea de nossos ancestrais.

Como forma de homenagear os heróis brasileiros daquele longo conflito e relembrar os 350 anos da 1ª Batalha dos Guararapes, travada a 19 de abril de 1648, data instituída como o Dia do Exército Brasileiro, a **Military Review** publica o texto elaborado pelo Cel Eng QEMA Ref Cláudio Moreira Bento, historiador e presidente da Academia de História Militar Terrestre do Brasil relatando essa batalha que simboliza as raízes do Exército Brasileiro: Trecho do Cel Raymundo Guilherme da Silva Filho Redator assessor da da Edição Brasileira da Military Review do Exército dos Eua

1- Batalha de Guararapes

“Ao clarear do dia 18 de abril de 1648, o Exército da Companhia das Índias Ocidentais, ao comando do Lieutenant General Von Schkoppe, marchou na direção dos Guararapes, com 6300 homens. Ao atingir Afogados, fez uma finta para demonstrar que sua intenção era um ataque ao Arraial Novo do Bom Jesus, para ali fixar os patriotas.

Dias Cardoso, despachado pelo mestre-de-campo General Francisco Menezes de Barreto para esclarecer a situação, descobriu o verdadeiro propósito inimigo. Em conselho de guerra, os luso-brasileiros decidiram retardar o invasor na Barreta, travar a batalha o mais distante do Recife, e defender o Arraial do Bom Jesus contra uma ação diversionária tentada pelo inimigo.

Em cumprimento à decisão, o exército de patriotas, composto de 2.200 homens, rumou ao sul para, em caminho, interceptar o invasor e travar a batalha decisiva. O General Barreto, prudentemente, confiou aos seus chefes imediatos a condução pormenorizada das ações, pois eles conheciam o terreno e a tática desenvolvida naquela luta — a guerra basílica.

Após um conselho de guerra para decidir o impasse entre Vidal de Negreiros e Fernandes Vieira sobre o local adequado para a batalha, e atendendo à sugestão de Dias Cardoso, “na qualidade de soldado mais prático e experiente em tudo”, rumaram para o Boqueirão dos Guararapes. Este foi ocupado até às 10 horas da noite de 18 para 19 de abril de 1648.

O exército inimigo, após vencer uma resistência na Barreta, degolando barbaramente muitos dos seus bravos defensores, seguiu tranqüilo e vagaroso para o sul, esperando encontrar 200 patriotas à frente da guarnição dos Montes Guararapes.

Na manhã de 19 de abril, no momento em que os soldados da Companhia das Índias Ocidentais se aproximavam do Boqueirão, passagem estreita, mas longa, entre o monte central e os alagados em sua base, saiu-lhes ao encontro Dias Cardoso, no comando de 200 homens, enquanto todo o restante do exército permanecia escondido. Com imprudência e entusiasmo, os holandeses desdobraram-se e partiram para atacar a fração de Dias Cardoso, o único inimigo que esperavam encontrar. Este retraiu pelo interior do Boqueirão, tentando envolver, através dos alagados e montes, a vanguarda e corpo de batalha do inimigo.

No momento em que este progredia nos alagados e em grande número no interior do Boqueirão, com drástica redução de frente, teve enorme surpresa, pois caíram em grande emboscada, executada com habilidade por Dias Cardoso, reeditando o seu feito da batalha do Monte das Tabocas em 17 de agosto de 1645. O exército luso-brasileiro até então semi-escondido, à ordem de “As espadas!” atacou inesperadamente e com grande fúria e iniciativa.

O terço de Pernambuco, o mais forte, ao comando de Fernandes Vieira, assessorado por Dias Cardoso, investiu no Boqueirão. Rompeu o grosso inimigo e envolveu a sua ala esquerda/ flanco esquerdo nos alagados. O exército de Felipe Camarão assaltou a ala direita/flanco direito e o de Henrique Dias a ala esquerda, ficando em reserva o de Vidal de Negreiros, junto ao Boqueirão.

O primeiro embate foi vencido, ocasionando muitas mortes e deserções nas fileiras batavas. Refeito da surpresa, o inimigo acometeu com a retaguarda, forte de 1.200 homens, a ala de Henrique Dias, na proporção de 1 para 3. Contido, foi em seguida atacado vigorosamente pela reserva comandada por Vidal de Negreiros. Após luta feroz de quatro horas, os patriotas impuseram a retirada ao inimigo, com Von Schkoppe ferido e

muitos oficiais mortos.

As perdas holandesas totalizaram 1.038 homens, entre mortos e feridos, contra 480 dos patriotas, dos quais, 80 tombaram para sempre, sendo sepultados em local à frente de onde foi erigida mais tarde a igreja de Nossa Senhora dos Prazeres dos Guararapes.

A vitória dos Guararapes nesse dia não foi obra fortuita dos acontecimentos, mas o resultado da ação vigilante e decidida dos chefes, da bravura e do espírito combativo dos soldados que constituíam aquele indomável exército de patriotas.

Nesta data, 19 de abril, comemora-se o Dia do Exército Brasileiro por ali haver despertado o seu espírito no consenso de analistas de nosso processo histórico.”

Nos Guararapes foram preservadas as unidades física e espiritual do Brasil e lançados os fundamentos da grande e incomparável democracia étnica brasileira, do nacionalismo autêntico e da tradição de amor à liberdade, chamada então, pelos libertadores patriotas, de “divina liberdade”.

A partir dessa memorável epopéia, não havia apenas homens reunidos em torno de um simples ideal de libertação, mas sim as bases do Exército Nacional de uma pátria, que ver-se-ia confirmada a 7 de setembro de 1822.

PUBLICADO NA MILITAR REVIEW, 2º QUADRIMESTRE, 1998.